

## As diferentes faces da violência na Rússia revolucionária de Isaac Bábel:

uma leitura de *O Exército de Cavalaria*

Glener Cruz Ochiussi\*

**Resumo**

Inicialmente, realizaremos a análise de três contos de *O exército de cavalaria*<sup>1</sup>, coletânea publicada por Isaac Bábel em 1926, a fim de prospectar indícios literários a respeito da pluralidade da violência no “contexto cognitivo” das revoluções russas (1917-1921). Na sequência, empreenderemos a transfiguração desses rastros ficcionais com o propósito de problematizar aquele processo histórico. No desfecho, concluímos que com a edição de *O exército de cavalaria* Bábel abre um importante espaço de discussão acerca do enraizamento da violência no âmago da sociedade revolucionária russa.

**Palavras-chaves:** Isaac Bábel; *O Exército de Cavalaria*; Revoluções Russas; Violência.

**Abstract**

Initially, we conducted the analysis of three short stories of *Red Cavalry*, a collection published by Isaac Bábel in 1926, in order to explore literary evidence regarding the plurality of violence in the “cognitive context” of the Russian revolutions (1917-1921). Next, we will undertake the transfiguration of these fictional traces with the purpose of problematizing that historical process. In the end, we conclude that with the publication of *Red Cavalry* Bábel opens an important space for discussion about the root of violence at the heart of Russian revolutionary society.

**Keywords:** Isaac Bábel; *Red Cavalry*; Russian Revolutions; Violence.

“Sou feito de uma pasta à base de teimosia e paciência, e é apenas quando estas duas qualidades são testadas ao máximo que experimento a *joie de vivre*” (Isaac Bábel).<sup>2</sup>

**I**

Isaac Bábel publica *O exército de cavalaria* em 1926, a partir de sua experiência na guerra russo-polonesa.<sup>3</sup> Composto por trinta e seis contos, depurados à exaustão pelo autor, o volume

\* Possui graduação em História, mestrado em Letras e é doutorando em História Social pela FFLCH-USP. É autor, entre outros artigos, de *O aprendizado de Nando diante de duas situações extremas: o golpe civil-militar e a tortura*. Pesquisa as aproximações entre História e Literatura.

<sup>1</sup> Esta pesquisa não seria factível sem as contribuições do professor Dr. Daniel Aarão Reis, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> REIS, Daniel Aarão e ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 104.

<sup>3</sup> Embora ambientados em meio à guerra russo-polonesa, depreendemos que os contos de *O exército de cavalaria* não devem ser reduzidos àquele fato histórico. Em nossa leitura, no livro supracitado, de modo retrospectivo, Isaac Bábel

causou sensação em Moscou. Em nossa concepção, evidencia-se na respectiva coletânea a utilização da história do tempo presente como matéria-prima literária. Conforme Rubens Figueiredo, “A tônica da obra de Babel são as experiências vividas e observadas de forma direta, o que remete à reportagem e às memórias, gêneros que, em última análise, constituem a matriz formal de seus contos”.<sup>4</sup> Em face disso, a partir dos parâmetros fornecidos pela história da cultura, definimos a metodologia desse trabalho.

Destarte, assim como Júlio Pimentel Pinto, entendemos a literatura como um “sismógrafo acurado” que percebe “com agilidade o que outras narrativas demoram mais a notar”.<sup>5</sup> Nesse sentido, em razão de seu caráter precursor, é facultada à ficção o privilégio de compilar variadas nuances concernentes a um processo histórico. Assim, constata-se que o texto literário é capaz de apontar vicissitudes outrora esquecidas de um “contexto cognitivo”.<sup>6</sup> E, em decorrência disso, novas perspectivas de investigação. Em suma, alicerçados por essas reflexões, no decorrer desse escrito privilegiaremos as aproximações entre a literatura e a história.

Para isso, no próximo subitem, analisaremos três contos de *O exército de cavalaria*: “Meu primeiro ganso”, “Guedáli” e “O sal”, respectivamente. Essas histórias foram selecionadas por duas razões. Em primeiro lugar, no que se refere à problematização de motivos, compreendemos que elas representam de modo fidedigno o amplo conjunto de *O exército de cavalaria*. Em segundo lugar, conforme nosso ponto de vista, essas narrativas são experimentos literários que denotam a diversidade da violência no “contexto cognitivo” das revoluções russas (1917-1921). Com efeito, registre-se que a pluralidade da violência no “contexto cognitivo” das revoluções russas será o objeto de pesquisa desse artigo.

Desse modo, após prospectarmos certos indícios literários acerca do referido assunto, passaremos à averiguação daquele processo histórico.<sup>7</sup> Logo, na terceira subdivisão desse trabalho, empreenderemos a transfiguração dos indícios literários ora coletados. Verifica-se, a partir de então, que após quase cinco anos de conflitos, a Rússia está desolada. Nesse ínterim, naturalizada nas

---

faz questão de exteriorizar inúmeras impressões acerca das revoluções russas. As revoluções russas como processo histórico, diga-se, e não como evento. Dessa maneira, tomando como base a obra de Daniel Aarão Reis, concebemos que as revoluções russas começaram em fevereiro de 1917 (segundo o calendário juliano) e se estenderam até o final da guerra russo-polonesa (1921). Para mais, ver: REIS, Daniel Aarão. *A Revolução que mudou o mundo*: Rússia, 2017. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, Rubens. Apresentação. In: Babel, Isaac. *Contos de Odessa*. Tradução e notas Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2015, p. 8.

<sup>5</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Revista Tempo*, v. 26, n. 1, 2020, p. 35.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>7</sup> Não pretendemos nesse escrito encarar a história como um “espelho” ou um “reflexo” da literatura. Conforme Pinto: “Se algo a ficção tem a nos dizer sobre o passado, isso deve ser buscado menos numa suposta revelação imediata do ‘contexto’, menos nas informações ‘históricas’ que o texto literário nos oferece – e que, evidentemente, não são dignas de confiança plena – e mais em elementos discretos ou associados ao trabalho em si de construção de texto, ao contexto cognitivo – e aqui o adjetivo reinventa o substantivo – que o permitiu”. PINTO, Júlio Pimentel, *op. cit.*, p. 35.

relações político-sociais, a violência impinge dor e sofrimento à população civil. Não por acaso, o cálculo para a época é de milhões de mortos e mutilados.<sup>8</sup> Por fim, percebe-se que a violência advinda das revoluções é um fenômeno complexo porque perpetrado por uma profusão de atores sociais distintos.

## II

Começamos pela fábula do conto “Meu primeiro ganso”. Na Rússia, as revoluções seguem o seu curso<sup>9</sup>. Após apresentar-se para o serviço militar, o narrador é recebido com deboche pelo general, que havia acabado de determinar a aniquilação de um vilarejo próximo. Segue-se, por parte de um furriel, uma advertência: “- Temos aqui uma implicância com os de óculos, que não dá pra controlar. Aqui, arrancam o couro de quem é mais *distinto* que os outros”.<sup>10</sup> O texto continua e, enviado à hospedaria dos soldados, o narrador é recepcionado com rispidez pelos cossacos. Ato contínuo, ele mata um ganso e é acolhido pelo grupo. No final, em comunhão, o narrador lê aos combatentes um cerimonioso discurso de Lênin.

Formado em Direito pela Universidade de Petersburgo, para a economia da história, o narrador é um intelectual, uma vez que carrega consigo um baú repleto de manuscritos e adora ler o *Pravda*.<sup>11</sup> Experimentado no campo das abstrações, de início, ele não compreende a lógica da guerra. Por esse motivo, ao deparar-se com o narrador, o general reage com desprezo. É Sheila Fitzpatrick quem desvenda a postura do chefe militar: “Na sabedoria popular do partido, os operários bolcheviques eram ‘durões’, enquanto os bolcheviques da *intelligentsia* tendiam a ser ‘moles’”.<sup>12</sup> Em razão desse raciocínio, calcado no contraste entre a teoria e a prática, Savitzki repele o intelectualismo.

A personagem Savitzki, dotada de uma aparência jovial e de um corpo que “cheirava a perfume”, é o comandante da VI Divisão do Exército de Cavalaria.<sup>13</sup> A personalidade do general?

---

<sup>8</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 130.

<sup>9</sup> De acordo com Aarão Reis: “Nicolau II abdicou em 2 de março de 1917 em favor de seu irmão, o arquiduque Miguel. Este, porém, três dias mais tarde, considerando não haver garantias, também abdicou. A radicalização do processo já não se satisfazia com meias medidas, o que determinou o fim da dinastia dos Romanov. Livre da autocracia, a revolução russa vitoriosa teve pela frente quatro grandes desafios: dar um fim à guerra; atender às demandas dos camponeses pela terra; abastecer as cidades; lidar com as aspirações à autonomia das nações não russas. Por não ter conseguido resolvê-los ou, ao menos, encaminhá-los de forma satisfatória, criaram-se, objetivamente, as condições para a vitória da Revolução de Outubro”. Para mais, ver: REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 136.

<sup>10</sup> BÁBEL, Isaac. Maria. *Uma peça e cinco histórias*. Tradução de Aurora Bernardini, Boris Schnaiderman, Homero Freitas de Andrade e Rubem Fonseca. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 63-66. [Grifo nosso].

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>12</sup> FITZPATRICK, Sheila. *A Revolução Russa*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2017, p. 134.

<sup>13</sup> BÁBEL, Isaac, *op. cit.*, p. 63-66.

Deveras cruel.<sup>14</sup> Sabe-se pelo narrador que após deliberar a destruição de um pequeno povoado, em seus olhos, “dançava a alegria”.<sup>15</sup> Assim, no inconsciente do comandante, a matança acima citada desperta uma espécie de prazer vulgar. De acordo com isso, entendemos Savítzki como a personificação, em termos fragmentários, da violência estatal bolchevique. Violência corroborada, diga-se, na retaguarda do *front*, por Surovkov e seu grupo.

No albergue militar, Surovkov é o mais velho dos cossacos: dono de uma “elegância contida” e de uma postura sacerdotal.<sup>16</sup> Proveniente de Riazan, em nosso entendimento, o ancião é um autêntico camponês eslavo. Camponeses que, a certa altura da ação dramática do conto, defrontados com o narrador, agem com brutalidade.<sup>17</sup> De sorte que, após chegar à hospedaria, o baú pertencente ao intelectual é arremessado “portão afora” pelos cossacos.<sup>18</sup> Em nossa leitura, evidencia-se nessa passagem a presença da violência no interior da sociedade campesina russa. Somado a isso, percebe-se que, comumente esquecidos pela intelectualidade citadina, os cossacos receiam as artimanhas da abstração.

Assim, chega-se ao clímax da história. No quintal da pensão, o intelectual avista um ganso. Nesse momento, em um verdadeiro ritual de iniciação, sem pensar, ele o mata: “Alcansei e derrubei o ganso no chão, sua cabeça estalou sob minha bota, estalou e sangrou”.<sup>19</sup> Nesse ínterim, a impulsividade do narrador impressiona os camponeses, que comentam: “O rapaz é dos nossos”.<sup>20</sup> A partir de então, batizado pelo uso da violência, o intelectual é aceito no seio do exército bolchevique. Desse modo, como que numa espécie de processo de homogeneização, ele deixa de ser distinto, tornando-se simplesmente um soldado vermelho. Soldados comandados, no plano ideológico, por Lênin.

Lênin aparece no conto por meio de um discurso acerca da iminência da revolução socialista mundial, lido pelo narrador aos cossacos.<sup>21</sup> À rigor, Savítzki, Surovkov e o narrador, por serem

<sup>14</sup> Registre-se que Babel consegue imprimir uma humanidade ambígua em seus personagens. Muitos deles, como Savítzki, foram moldados a partir do contraste. Não por acaso, as belas características físicas do general contrastam com a crueza de sua personalidade.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>16</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>17</sup> Nesse conto, o espaço da cidade é caracterizado com sensibilidade poética. As atitudes dos personagens, porém, expressas por meio de frases lapidárias, são narradas com crueza. Sobre *O exército de cavalaria*, Marcos Vinicius Ferrari afirma: “A carregada atmosfera de pesadelo que percorre o livro vem contrapesada por súbitas revelações poéticas, imagens insólitas e surpreendentes que se inserem na renda de nervos da escrita babeliana”. Para mais, ver: FERRARI, Marcos Vinicius. *Isaac Babel: escrevendo a revolução em linhas tortas*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 23.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>19</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>20</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>21</sup> Intitulado “Relatório sobre a situação internacional e as tarefas fundamentais da Internacional Comunista”, o discurso (proferido no II Congresso da Internacional Comunista) foi publicado no *Pravda* em 24 de julho de 1920. Para mais, ver: LÊNIN, Vladimir. *Obras escolhidas em três tomos*: tomo 3. Tradução Equipe Avante. Lisboa: Avante, 1977b, p. 367-385.

membros do Exército Vermelho, confiaram em seu projeto político. Não sem motivo, na sequência do conto, o pronunciamento do líder revolucionário a todos sensibiliza. E, em meio à leitura, o intelectual raciocina: “A curva misteriosa da reta de Lênin”.<sup>22</sup> Depreende-se dessa frase que, nas primeiras décadas do século XX, Lênin consegue mobilizar atores sociais distintos a fim de levar a cabo um único ideal, qual seja, consolidar o socialismo na Rússia. Na prática, portanto, ele é um enxadrista, capaz de canalizar aspirações díspares com a intenção de avivar as revoluções.

Sem pausa, passemos à leitura crítica de “Guedáli”. É tarde de sexta-feira e o narrador chega a Jitómir, vilarejo castigado pelas guerras civis.<sup>23</sup> Postado na frente do mercado, numa pequena loja de antiquário, ele avista Guedáli. Uma conversa é iniciada e, a certa altura do diálogo, o vendedor afirma: “- A Revolução? Eu grito sim para ela, mas ela se esconde de Guedáli, e manda para a frente apenas a fuzilaria...”.<sup>24</sup> Após isso, inicia-se o Sabá. No desenlace, a despeito da cidade estar quase vazia, o vendedor apanha o seu livro de orações e parte rumo à sinagoga.

No referido conto, o narrador é um soldado bolchevique, já que para se referir aos combatentes vermelhos, em duas passagens do texto, ele utiliza o pronome nós. De modo paralelo, sua família tem ascendência judaica: nas noites de Sabá, em seus próprios dizeres, “meu coração de criança era embalado como um barco sobre ondas encantadas...”.<sup>25</sup> No plano ideológico, por sua vez, ainda no começo da história, ao ser interpelado por Guedáli, o narrador mostra-se favorável à violência revolucionária. Segundo ele, “Ela não pode deixar de atirar Guedáli, porque ela é a revolução...”.<sup>26</sup> Atente-se que, em sua concepção, em face da transformação radical da sociedade, a violência é um método necessário.

Com um alto chapéu preto na cabeça, a personagem Guedáli pensa diferente. O comerciante é um judeu ancião e, em virtude disso, carrega consigo os ensinamentos de uma história milenar. Não por acaso, Guedáli cultiva uma “barbicha grisalha” e sonha, conforme o narrador, com uma revolução “irrealizável”.<sup>27</sup> Uma revolução menos cruel e, por consequência, mais humana. Em termos formais, o velho vendedor é o herói da narrativa. Assim, em meio à decrepitude do mercado, ele é um símbolo de resistência. Por isso, a vivacidade de sua lojinha

---

<sup>22</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>23</sup> De acordo com Aarão Reis, as guerras civis foram disputadas em três diferentes frentes: numa primeira frente, o exército bolchevique precisou enfrentar o exército branco; numa segunda frente, os vermelhos precisaram guerrear com “outros socialistas revolucionários que não concordaram com a Insurreição de Outubro”; numa última frente, os bolcheviques tiveram que lidar com “movimentos nacionalistas não russos”. Para mais, ver: REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 110-131.

<sup>24</sup> BABEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 45-47.

<sup>25</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>26</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>27</sup> *Idem, ibidem.*

contrasta com a morbidez daquele centro de compras. Em outras palavras, embora imerso num mar de tristeza, Guedáli persiste.

Ademais, como ancião, na lógica interna do conto, Guedáli responsabiliza-se por resguardar a memória de toda uma comunidade. Memória, essa, marcada pelo sofrimento, visto que os judeus de Jitómir foram covardemente massacrados. De um lado, conjectura o comerciante, os contrarrevolucionários “levam os judeus e lhes arrancam as barbas”.<sup>28</sup> Comumente idealizados pelo Exército Branco, os *pogroms* são particularmente cruéis com os judeus. De outro, os bolcheviques ameaçam os judeus com tiros.<sup>29</sup> Confrontados pela mínima dissidência política, os generais do Exército Vermelho agem com truculência. Assim, num circuito de dor e sangue, para Guedáli, enquanto os brancos perseguem os judeus, os vermelhos os encaram como possíveis inimigos.<sup>30</sup>

Diante disso, em contraste, Guedáli é um pacifista. Segundo ele, “- O homem bom faz boas obras. A Revolução é uma boa obra de homens bons. Mas os homens bons não matam”.<sup>31</sup> De acordo com esse pensamento, à medida que se utiliza da crueldade, a revolução prostra-se ao nível de seus piores algozes. Além disso, conforme o comerciante, a revolução não gosta de ver órfãos.<sup>32</sup> Nesse sentido, ainda para o velho, a consolidação do socialismo demanda alegria. Em síntese, Guedáli defende o que ele próprio chama de “doce revolução”.<sup>33</sup> De volta à história, em suas últimas linhas, de maneira abrupta, sabe-se que o narrador avista a estrela de Davi<sup>34</sup>.

Em nossa leitura, a estrela de Davi anuncia a chegada do Sabá e, ao mesmo tempo, simboliza a esperança. Não por acaso, conforme essa ideia, o sábado judaico representado no desfecho da narrativa é um índice de renovação. O texto avança e, após vislumbrar o pequeno astro, o narrador começa a rememorar a infância. Assim, graças a esse processo, ele se identifica com Guedáli. Nessa altura da ação dramática da história, sensibilizado pela argumentação do ancião, em tom resignado, o narrador reconhece a violência excessiva da revolução: executada, para ele, com “pólvora” e “sangue” da melhor qualidade.<sup>35</sup> Episódio derradeiro, Guedáli adentra a sinagoga e reza: por aqueles que partiram, pelo término das guerras e por uma revolução que seja verdadeira.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>29</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>30</sup> Em meio ao referido trecho, depois de fitar o narrador, a personagem Guedáli questiona: “Quem dirá [...] de que lado está a Revolução e de que lado está a contrarrevolução?”. Para mais, ver: BÁBEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 45-47.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>32</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>33</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>34</sup> A contingência é um elemento central no enredo de “Guedáli”. É por meio dela que, no ocaso do conto, o herói é transformado. Não por acaso, Peter Stine classifica a literatura de Babel como a “arte da epifania”. Para mais, ver: STINE, Peter. Isaac Babel and violence. *Modern Fiction Studies*, v. 30, n. 2, 1984, p. 238. [Tradução nossa].

<sup>35</sup> *Idem, ibidem.*

Segue-se, por fim, a análise de “O sal”<sup>36</sup>. Numa carta, Balmachov descreve os seguintes acontecimentos. Os bolcheviques, na esteira dos poloneses, estão se deslocando para Berdítchev e, no meio do caminho, próximo à estação de Fastóv, o trem do Exército Vermelho é recebido por um grupo de comerciantes ilegais.<sup>37</sup> Destaque para a venda do sal de cozinha. Após isso, os muambeiros são debelados e uma mulher com uma criança ainda lactente implora o auxílio dos soldados. De maneira que, após um breve diálogo, a genitora é aceita a bordo e a composição parte. Durante a viagem, no entanto, a falsa mãe é desmascarada: o suposto bebê era na realidade uma trouxa de sal. No desfecho, depois de uma longa explanação, a moça é assassinada. Contíguos a Balmachov, os cossacos assistem a tudo sem sobressaltos.

Nikita Balmachov é o narrador do conto, sendo sua missiva endereçada ao redator do jornal “O Cavalariano Vermelho”. Ele viaja em companhia dos cossacos do 2º Pelotão de Cavalaria e se autodenomina um “soldado da revolução”.<sup>38</sup> De início, utilizando expressões como “meus respeitos” e “com toda a gentileza”, o narrador mostra-se cortês no trato social.<sup>39</sup> Ademais, constata-se que Balmachov é um hábil orador. Assim, ao ser abordado pela mãe com um recém-nascido para que a ajudasse, o narrador principia uma pequena exposição a fim de sensibilizar os cossacos. De súbito, somos informados que o “arrazoado” surte efeito e a mulher é içada a bordo.<sup>40</sup>

A personagem da mãe, no enredo da história, é uma atravessadora, embora a princípio o narrador a classifique como “uma mulher de boa aparência”.<sup>41</sup> Em vulnerabilidade, ela vagueia por diferentes localidades com o propósito de comerciar o sal de cozinha no mercado paralelo. Além de simular carregar um filho, sabe-se que a moça está à procura do marido, desaparecido desde os primeiros conflitos. Outrossim, ela ostenta uma postura corajosa. Em virtude disso, em uma passagem marcante da narrativa, após ser desmentida por Balmachov, frente a uma dezena de cossacos, a comerciante diz não sentir medo.<sup>42</sup>

---

<sup>36</sup> O título do conto nos remete a uma extensa simbologia. Para não nos alongarmos, fiquemos com dois exemplos: produto utilizado pelos romanos para o pagamento dos vencimentos mensais (o “trabalho suado” dos pobres); mineral manipulado pela Igreja Católica para o sacramento do batismo (o início da vida de todo cristão).

<sup>37</sup> A guerra russo-polonesa é um desdobramento das guerras civis no campo nacionalista. De acordo com Reis: “Uma última guerra, tendo como base a questão nacional, ainda haveria de eclodir entre a Polônia, restaurada como Estado nacional, e a Rússia socialista. Com o apoio francês e articuladas com nacionalistas ucranianos, as tropas polonesas, lideradas por Ióssif Pilsudski, atacaram a Ucrânia em abril de 1920. Já no mês seguinte, tomaram Kiev e pareciam destinados a grandes vitórias. Subestimaram o Exército Vermelho. Os russos contra-atacaram com sucesso e invadiram, por sua vez, a Polônia. Houve, então, uma certa euforia entre os bolcheviques, muitos imaginando a possibilidade de ‘exportar a revolução na direção do Ocidente, a fim de alcançar a própria Alemanha. O propósito era demasiado otimista e não funcionou. Repelidos às portas de Varsóvia, os Vermelhos tiveram que recuar e negociar a paz, afinal assinada em 18 de março de 1921, em Riga, Letônia”. Para mais, ver: REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 127.

<sup>38</sup> BÁBEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 91-94.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>40</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>41</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>42</sup> *Idem, ibidem.*

Entretanto, uma vez descoberta, a personagem ora citada é estigmatizada pelo narrador. Destarte, ele a caracteriza como uma “inimiga terrível”, “perniciosa” ao avanço do socialismo na Rússia.<sup>43</sup> Em seus dizeres: “- Você, odiosa cidadã, é mais contrarrevolucionária que aquele general Branco que, do alto de seu cavalo, ameaça a gente com o sabre afiado...”.<sup>44</sup> Assim, conforme a lógica de Balmachov, enquanto o comandante antibolchevique é um opositor visível, a mulher é “feito uma pulga”, quase imperceptível aos olhos, “picando aqui, picando ali”.<sup>45</sup> Segundo esse pensamento, ainda para o narrador, ao praticar a venda clandestina do sal, a falsa genitora boicota o esforço coletivo exigido pelas revoluções.

Alicerçado nisso, a certa altura da ação dramática da narrativa, Balmachov despe-se de sua máscara de civilidade e arremessa “a tal cidadã para fora do trem em movimento”.<sup>46</sup> Atente-se que, para naturalizar a violência, o trecho é por ele enunciado de forma serena<sup>47</sup>. A falsa mãe, contudo, recupera-se prontamente e o narrador fica contrariado. Logo, os cossacos que a tudo acompanham sentem-se comovidos.<sup>48</sup> Ato contínuo, incitado por seus companheiros, Balmachov atira na mulher, que morre instantaneamente: “E, apanhando minha fiel arma na parede, varri aquela vergonha da face da terra trabalhadora e da República”.<sup>49</sup> Assim, baseando-se na “causa comum”, o expurgo é concluído.<sup>50</sup>

No fim do conto, em tom solene, Balmachov promete mostrar-se implacável “contra todos os traidores que nos arrastam para a cova e que querem reverter o curso do rio e cobrir a Rússia de cadáveres e relva morta”.<sup>51</sup> Nesse excerto, o narrador concebe uma espécie de arcabouço retórico com o propósito de ludibriar o destinatário de sua carta. Dessa maneira, ele tenciona promover uma engenhosa inversão de papéis. Todavia, submetida ao crivo da mais ínfima lucidez, a artimanha fracassa. E, em decorrência disso, uma leitura mais profunda começa a ser vislumbrada. Registre-se, em tempo: Balmachov é um assassino confesso que executa a sangue-frio uma humilde civil desarmada.

---

<sup>43</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>44</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>45</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>46</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>47</sup> Sobre *O exército de cavalaria*, Stine sublinha a contrastante calma com que o narrador registra episódios de ferocidade. Assim, em nossa concepção, com base nesse recurso estilístico, Babel tenciona desnudar a naturalização da violência no contexto revolucionário. Para mais, ver: STINE, Peter. Isaac Babel and violence. *Modern Fiction Studies*, v. 30, n. 2, 1984, p. 246.

<sup>48</sup> Percebe-se que, de modo paradoxal, ao sentirem pena de Balmachov, os soldados bolcheviques lastimam o sofrimento do algoz e não da vítima. A ironia, aqui, é cortante. Conforme Douglas Colin Muecke, “O ironista, em seu papel de ingênuo, propõe um texto, mas de tal maneira ou em tal que contexto que estimulará o leitor a rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado ‘transliterar’ não-expresso de significação contrastante”. Para mais, ver: MUECKE, Douglas Colin. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, p. 58.

<sup>49</sup> BABEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 91-94.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>51</sup> *Idem, ibidem.*



### III

Iniciemos pelos anos de 1917 e 1918: após protestos e enfrentamentos, o czar Nicolau II é destituído da administração estatal. Em poucos dias, antigas instituições são suprimidas e diversos “microcentros de poder” surgem.<sup>52</sup> Logo, na zona rural, inúmeras insurreições camponesas ganham força: é o canto do galo vermelho. Sobre o assunto, Daniel Aarão Reis afirma: “Instalou-se a caça aos ‘gordos’ e aos burgueses (*burjuj*), um verdadeiro rolo compressor, em uma onda inédita de destruição e de ódio, com frequência acompanhada por orgias de sangue e álcool”.<sup>53</sup> Nessa época, grupos de mujiques colocam fogo em fazendas e assassinam ricos senhores de terras.

Oprimidos por séculos, os camponeses empreendem, na Rússia do início do século XX, uma verdadeira “vingança histórica”.<sup>54</sup> Suas principais reivindicações? O encaminhamento da partilha negra (a distribuição equitativa de terras) e a moratória de suas dívidas (contraídas junto aos proprietários prósperos). Conforme Aarão Reis, “As crueldades praticadas pelos grandes senhores voltavam-se contra eles e suas famílias. Nada era poupado nem ficava de pé”.<sup>55</sup> Assim, a nobreza fundiária eslava é surpreendida pela crueza da “violência que vem debaixo”.<sup>56</sup> As brutalidades das sublevações agrárias, a propósito, são acompanhadas com simpatia pelos bolcheviques.

Regresso do exílio após a queda do czarismo, nesse momento histórico, Lênin posiciona-se à esquerda do espectro político. Dessa maneira, o arguto líder aproxima-se das aspirações de diferentes movimentos sociais e torna viável o seu projeto de poder. Adeptos de uma “ideologia que fazia da violência das massas o motor da História”, pretendiam os vermelhos construir um novo mundo<sup>57</sup>. Para tanto, uma revolução deveria ser organizada. Seguindo esse raciocínio, e atento às condições objetivas moldadas pelo tempo de curto prazo, como num lance de xadrez, Lênin encampa o descontentamento popular e o transforma em bandeira bolchevique.<sup>58</sup> De modo paralelo, a violência social é por ele instrumentalizada.<sup>59</sup>

---

<sup>52</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 60.

<sup>53</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 156.

<sup>54</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>55</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>56</sup> WERTH, Nicolas. Violências de baixo, violências de cima na revolução russa. Tradução Thierry Calasans. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 75, 2008, p. 12-14.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>58</sup> Note-se que os dirigentes bolcheviques adaptam a teoria do socialismo científico (pensada por Marx e Engels para ser levada a cabo numa sociedade industrial) à realidade russa. Em outros termos, na Rússia das revoluções, a teoria (produzida pela *intelligentsia* progressista) é precedida pela voz dos movimentos sociais (com suas respectivas reivindicações). Sendo a teoria formatada pela prática (a práxis social), e não o contrário.

<sup>59</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 26.

Nas palavras do narrador-personagem de “Meu primeiro ganso”, conto escrito por Isaac Bábel, essa é “A curva misteriosa da reta de Lênin”.<sup>60</sup> Já no governo, certas ações centralistas são levadas a cabo pelos vermelhos, tais como o empastelamento de jornais opositores e o esvaziamento de grupos socialistas alternativos.<sup>61</sup> Ato contínuo, em poucos meses, é criada a Tcheka: uma polícia bolchevique encarregada de perseguir adversários políticos. De acordo com Fitzpatrick, “Depois da eclosão da Guerra Civil, a Tcheka tornou-se um órgão de terror, ministrando justiça sumária, inclusive execuções, realizando prisões em massa e tomando reféns ao acaso”.<sup>62</sup>

Além disso, idealizando uma espécie de “guerra de classes”, promove a Tcheka “punições aleatórias”, acompanhadas de sessões de tortura, objetivando intimidar indivíduos específicos ou a população em geral.<sup>63</sup> Ao que se segue a abertura, por parte dos vermelhos, dos primeiros campos de trabalho forçado, comumente destinados aos prisioneiros políticos: eis a vilania da “violência que vem de cima”.<sup>64</sup> Assim, usando a consolidação da revolução de outubro como pretexto, conforme Fitzpatrick, orgulhavam-se os bolcheviques de serem “resolutos e pragmáticos quanto à violência”. Admitindo, inclusive, “que o mando de qualquer classe envolve” tanto coerção quanto repressão estratégica.<sup>65</sup>

Segue-se o ano de 1919 e, na Rússia das revoluções, as guerras civis atingem o seu auge. A violência está enraizada nas relações sociais.<sup>66</sup> No teatro de operações, conhecemos o Exército Vermelho: chefiado por Trotsky e composto por Guardas Vermelhos das fábricas, operários e camponeses.<sup>67</sup> Alicerçado por uma rígida estrutura disciplinar, em que as decisões eram tomadas de modo monocrático, em essência, o referido exército é capitaneado por oficiais egressos do velho czarismo.<sup>68</sup> Eram atribuições do Exército Vermelho, nesse período específico, difundir e defender os desígnios do socialismo bolchevique e, por consequência, combater as forças contrarrevolucionárias.

Para isso, devidamente experimentados no *front* da Primeira Guerra Mundial, os generais do exército bolchevique lançam mão da “guerra total”, tática baseada na ampla mobilização de

<sup>60</sup> BÁBEL, Isaac. *Maria*. Uma peça e cinco histórias. Tradução de Aurora Bernardini, Boris Schnaiderman, Homero Freitas de Andrade e Rubem Fonseca. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 66.

<sup>61</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 111-117.

<sup>62</sup> FITZPATRICK, Sheila, *op. cit.*, p. 115-116.

<sup>63</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>64</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 14.

<sup>65</sup> FITZPATRICK, Sheila, *op. cit.*, p. 115-116.

<sup>66</sup> Na literatura eslava, a violência é um motivo constante. Sobre o assunto, Marcus C. Levitt afirma: “Os seres humanos são criaturas extraordinariamente brutais, mas a cultura russa, ao que parece, tem sido particularmente e enfaticamente marcada pela violência”. Para mais, ver: LEVITT, Marcus C.; NOVIKOV, Tatyana (Org.). *Times of trouble: violence in Russian literature and culture*. Madison: University of Wisconsin Press, 2007, p. 3. [Tradução nossa].

<sup>67</sup> FITZPATRICK, Sheila, *op. cit.*, p. 113-114.

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*.

recursos, onde não há limites para o uso da violência: é o Terror Vermelho. Assim, tanto nos campos quanto nas cidades, requisições truculentas são reafirmadas e o alistamento militar, antes facultativo, torna-se obrigatório.<sup>69</sup> Ademais, seguindo a lógica da “guerra total”, pelo Estado Maior do Exército Vermelho, vilarejos rebeldes são bombardeados, “execuções imemoriais” são instituídas e deportações em massa de populações civis são ordenadas.<sup>70</sup>

Populações Civis que, de camponeses pobres não alinhados ao Exército Vermelho às minorias étnicas avessas ao recrudescimento político, no contexto das guerras civis, também eram castigadas pelo banditismo. Fenômeno compreendido por bandos fortemente armados que, em busca de objetos de valor ou dinheiro em espécie, saqueavam aldeias e cidades, amedrontando as suas gentes.<sup>71</sup> Em linhas gerais, o banditismo fora motivado nessa época pela extrema miséria, pela desordem jurídica, pelo clima de brutalidade e pela ânsia de riqueza fácil. Temidos por toda a Rússia, das florestas dos Urais às estepes do Don, esses bandos ditos “voadores” eram constituídos por marginais, desertores, proscritos e por “antigos oficiais do Exército Branco”.<sup>72</sup>

Com o apoio de países como França e Inglaterra, insatisfeitos com a saída russa da “grande guerra”, e comandado por ex-generais czaristas e líderes cossacos, o Exército Branco contava em suas fileiras com indivíduos nostálgicos, que sonhavam com a restauração da antiga ordem e com o sucesso de uma hipotética contrarrevolução.<sup>73</sup> Assim, por onde passavam, os brancos reestabeleciam as bases do capitalismo (o retorno da propriedade privada da terra) e perseguiam os partidários do bolchevismo.<sup>74</sup> Somado a isso, ao longo dos conflitos civis, sabe-se que inúmeras atrocidades são por eles perpetradas. O principal alvo do Terror Branco? A comunidade judaica.<sup>75</sup>

Com base no mito do “judaísmo-bolchevismo”, segundo o qual os judeus estariam “amalgamados” aos bolcheviques, durante as revoluções, oficiais do Exército Branco estabelecem os *pogroms*: o genocídio sistemático de milhares de famílias judias, numa espécie de guerra étnica.<sup>76</sup> Estima-se para o período, particularmente na Ucrânia e na Bielorrússia, a morte de mais de 150.000 judeus: na história mundial, antes do Holocausto, é o pior massacre cometido contra essa comunidade.<sup>77</sup> Conforme Guedáli, personagem judeu criado por Isaac Bábel, ele também judeu, “-

---

<sup>69</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>70</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 14.

<sup>71</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 32.

<sup>72</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>73</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 121-122.

<sup>74</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>75</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 32.

<sup>76</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>77</sup> *Idem, ibidem.*

A Revolução? Eu grito sim para ela, mas ela se esconde de Guedáli, e manda para a frente apenas a fuzilaria...”.<sup>78</sup>

Enfim, chega-se ao biênio de 1920-1921: a guerra russo-polonesa mostra-se particularmente difícil para o Exército Vermelho. Nas cidades, devido à crise do abastecimento, a população ainda passa fome.<sup>79</sup> Isso acontece porque, diante da incapacidade estatal em lhes fornecer produtos industrializados, nesse momento histórico, os mujiques organizam greves. Assim, de modo impassível, safras inteiras são estocadas: a “fome dos cidadãos” é acompanhada com “indiferença e hostilidade” pelos camponeses.<sup>80</sup> Logo, o mercado ilegal ganha força e surge a figura dos “homens do saco”: “assim chamados porque carregavam o que quer que fosse, driblando controles, de um lado para o outro, atulhando trens e demais meios de transporte, vendendo e comprando, especulando”.<sup>81</sup>

Conforme Balmachov, narrador-personagem idealizado por Isaac Bábel em “O sal”, são os “homens do saco” “muambeiros” sem consciência, que colocam em risco o futuro da revolução.<sup>82</sup> Entendimento parecido, diga-se de passagem, têm as autoridades vermelhas. Segundo elas, no extremo oposto das cidades famintas, postam-se os comerciantes ilegais, que regurgitam lucros e fartos alimentos, numa atitude insensível e odiosa.<sup>83</sup> Com base nisso, não por acaso, durante as revoluções, certos dirigentes bolcheviques enquadram os especuladores na categoria de “inimigos do povo”, ao lado dos banqueiros, senhores de terras, donos de fábricas e burgueses.<sup>84</sup>

Na sequência, como que num processo de especiação, são os atravessadores animalizados pelos vermelhos. Em texto pretérito, acerca da perniciosidade dos “inimigos da revolução”, Lênin escreve que cabe ao povo empreender a limpeza das províncias russas de todos os “insetos nocivos, pulgas e percevejos”.<sup>85</sup> Para tanto, de acordo com o chefe bolchevique, deve-se utilizar o encarceramento duradouro, a vigilância estrita e, até mesmo, o homicídio imediato.<sup>86</sup> Deflagra-se, assim, por parte dos vermelhos, uma verdadeira “guerra contra a especulação”. Destaque para as

<sup>78</sup> BÁBEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 45.

<sup>79</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 159.

<sup>80</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>81</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>82</sup> BÁBEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 91.

<sup>83</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 160-161.

<sup>84</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 19.

<sup>85</sup> Intitulado “Como organizar a emulação?” e publicado no *Pravda* em dezembro de 1918, o referido artigo versa sobre a tomada de consciência do povo russo, objetivando consolidar a revolução bolchevique. Além da perseguição às forças contrarrevolucionárias, nele Lênin trata do controle operário das fábricas e da formação de quadros para o partido bolchevique (provenientes do campesinato e do proletariado). Para mais, ver: LÊNIN, Vladimir. *Obras escolhidas em três tomos*: tomo 2. Tradução Equipe Avante. Lisboa: Avante, 1977a, p. 441-447.

<sup>86</sup> *Idem, ibidem.*

“milícias de ferro”: agrupamentos armados enviados aos campos para levarem a cabo a caça aos “inimigos do povo”.<sup>87</sup>

Em certos casos, num nítido sinal de extermínio sistêmico, a perseguição bolchevique a esses indivíduos degenerou em uma “guerra suja de pacificação”.<sup>88</sup> Os métodos utilizados pelas “milícias punitivas”? Bastonadas, flagelações públicas e o assassinio em massa.<sup>89</sup> As principais vítimas? Camponeses refratários que haviam rechaçado o serviço militar.<sup>90</sup> Cíveis que, a rigor, não ofereciam sérios riscos aos líderes vermelhos, mas que por eles foram estigmatizados. Em síntese, o que escapa do controle estatal deve ser eliminado: o outro, que não se parece comigo, deve perecer.

Dessa maneira, deparamo-nos com a naturalização da violência: fenômeno observado na Rússia desde a “grande guerra”.<sup>91</sup> De acordo com Albert Camus, ao ser rotulado como culpado, o “inimigo da revolução” “transforma-se em engrenagem da produção, tão indispensável, de resto, que com o tempo ele não será utilizado na produção porque é culpado, mas sim julgado culpado porque a produção tem necessidade dele”.<sup>92</sup> Em virtude disso, depreende-se que o adversário da revolução é tão importante para o progresso do Estado bolchevique quanto o seu apoiador: ele é uma espécie de bode expiatório; o indivíduo a quem os líderes vermelhos recorrem numa época de dificuldade.

#### IV

Em *O exército de cavalaria*, Isaac Bábel apresenta a violência como uma personagem central das revoluções russas, explorando-a em suas mais diversas faces. Percebe-se na referida obra que, por meio da técnica narrativa do choque, o autor desvela a brutal essência das relações político-sociais. Seguindo essa lógica, entendemos ser impossível mostrar-se indiferente defronte aos “enunciados literários” idealizados por Isaac Bábel. Conforme Jacques Rancière, os “enunciados literários” são “blocos de palavras circulando sem pai legítimo que os acompanhe até um destinatário autorizado”.<sup>93</sup>

Ressalte-se que, não raramente, os “enunciados literários” intervêm na realidade. Assim, a depender da potência artística, em algumas ocasiões, conseguem os “blocos de palavras” apropriar-

---

<sup>87</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 159.

<sup>88</sup> WERTH, Nicolas, *op. cit.*, p. 28-30.

<sup>89</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>90</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>91</sup> REIS, Daniel Aarão, *op. cit.*, p. 130.

<sup>92</sup> CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução Valerie Rumkanek. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 274-275.

<sup>93</sup> RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009, p. 59-60.

se do sujeito a fim de remodelar o seu mapa do sensível.<sup>94</sup> Nesse caso, mediante o contato do leitor com um enunciado textual vivo, percepções são modificadas, trajetórias biográficas são alteradas e modelos de ação são redefinidos. Por isso, para Rancière, “o homem é um animal político porque é um animal literário, que se deixa desviar de sua destinação ‘natural’ pelo poder das palavras”.<sup>95</sup> Palavras que, a rigor, sintetizam a relevância da arte na formação política do homem.

Formação comumente baseada em três estágios: a comoção, a empatia e a reelaboração de conceitos. Em princípio, a comoção impele o indivíduo ao movimento, causa perplexidade e engendra a reflexão. Segue-se a empatia que força o sujeito à alteridade, coloca em questão a necessidade de um exame introspectivo e indicia o que é passível de crítica. De posse do ato crítico-reflexivo, por fim, e devidamente experimentado num complexo mundo de símbolos, é facultado ao leitor projetar novos conceitos, objetivando encontrar maneiras distintas de ação. Reflexão, crítica e ação: eis a tríade delineada pela arte que prioriza a política.

Em face desse raciocínio, concluímos que com a edição de *O exército de cavalaria* Isaac Bábel abre um valioso espaço de discussão acerca do enraizamento da violência no âmago da sociedade revolucionária russa. Um espaço imaginário, por certo, mas ainda assim um espaço: uma fenda, uma fresta, uma fissura.<sup>96</sup> Nesse sentido, note-se o caráter pioneiro do trabalho acima mencionado. Décadas antes do degelo de Kruschew, época na Rússia das primeiras pesquisas históricas independentes, Bábel já teorizava a pluralidade da violência no “contexto cognitivo” das revoluções.<sup>97</sup> De modo trágico, o autor morre fuzilado em 1940, numa prisão do Nkvd, a mando de Stálin. A carne perece. Sua obra, no entanto, teimosa e paciente, continua a flunar por aí.

## Referências bibliográficas

BÁBEL, Isaac. *Maria*. Uma peça e cinco histórias. Tradução de Aurora Bernardini, Boris Schnaiderman, Homero Freitas de Andrade e Rubem Fonseca. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. *O exército de cavalaria*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

<sup>94</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>95</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>96</sup> Em termos ilustrativos, sabe-se que o volume ora citado despertou a ira de certos militares da alta cúpula bolchevique. Não por acaso, em carta enviada a Máximo Gorki, um general do Exército Vermelho conjectura: “A obra deveria ser: Na retaguarda da Cavalaria... nos transmite conversas fiadas de mulherzinhas, fofocas, e nos conta (histórias), horrorizado como uma mulherzinha... a obra de Bábel é uma obscena caricatura... toda impregnada de espírito pequenoburguês... parece inútil, e mais ainda, nociva. (...) uma obra vulgar e difamatória... parece-me que não se tem o direito de descrever o heroísmo dos tempos que vivemos da maneira como faz Bábel?...”. Registre-se que a brutalidade estatal bolchevique não é a única face da violência no âmbito das revoluções russas. Para mais, ver: REIS, Daniel Aarão e ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 103.

<sup>97</sup> SEGRILLO, Ângelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 41, 2010, p. 23-25.

- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução Valerie Rumkanek. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FERRARI, Marcos Vinicius. *Isaac Bábel: escrevendo a revolução em linhas tortas*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FIGUEIREDO, Rubens. Apresentação, p. 7-11. In: Bábel, Isaac. *Contos de Odessa*. Tradução e notas Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2015.
- FITZPATRICK, Sheila. *A Revolução Russa*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2017.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- LÊNIN, Vladimir. *Obras escolhidas em três tomos: tomo 2*. Tradução Equipe Avante. Lisboa: Avante, 1977a.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas em três tomos: tomo 3*. Tradução Equipe Avante. Lisboa: Avante, 1977b.
- LEVITT, Marcus C.; NOVIKOV, Tatyana (Org.). *Times of trouble: violence in Russian literature and culture*. Madison: University of Wisconsin Press, 2007.
- MALARENKO, Henady. *Isaak Bábel e o seu Diário de Guerra de 1920*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MUECKE, Douglas Colin. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Revista Tempo*, v. 26, n. 1, p. 25-42, 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.
- REIS, Daniel Aarão. *A Revolução que mudou o mundo: Rússia, 2017*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SEGRILLO, Ângelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 41, 2010.
- STINE, Peter. Isaac Babel and violence. *Modern Fiction Studies*, Vol. 30, N° 2, p. 237- 255, 1984.
- WERTH, Nicolas. Violências de baixo, violências de cima na revolução russa. Tradução Thierry Calasans. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 75, p. 11-40, 2008.

Recebido em: 10.06.2021  
Aprovado em: 31.03.2022